

# RISORGIMENTO, HEGEMONIA E REVOLUÇÃO PASSIVA - A CONTRIBUIÇÃO DE ANTONIO GRAMSCI

William Héctor Gómez Soto\*

## Resumo

Neste artigo o autor estabelece uma relação analítica entre as categorias teóricas de *hegemonia* e *revolução passiva* formuladas por Gramsci em *Maquiavel* e a análise gramsciana do processo histórico conhecido como *Risorgimento*.

Palavras-chave: Hegemonia, Revolução passiva, *Risorgimento*.

## Abstract

The author of this article focuses an analytical relation between two theoretical categories, hegemony and passive revolution, which was formulated by Antony Gramsci in *Maquiavel*, and the Gramscian analysis about the historical process known as *Risorgimento*.

Keywords: Hegemony, Passive revolution, *Risorgimento*.

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo central deste trabalho é estabelecer uma relação analítica entre as categorias teóricas formuladas por Gramsci em *Maquiavel* e sua análise histórica do *Risorgimento*<sup>1</sup>. Dessa maneira procura-se entender sua metodologia de investigação. Salienta-se em primeiro lugar que Gramsci dá prioridade, na sua análise, à dimensão política da concepção marxista da história.

---

\* Professor no Departamento de Economia da UNISC.

<sup>1</sup> Movimento político-militar que levou à unificação italiana em meados do século XIX sob a direção da monarquia de Savóia (piamontesa) e de Cavour, líder dos moderados.



A questão a ser discutida neste artigo, pode ser formulada nos seguintes termos: de que forma utiliza Gramsci as categorias abstratas como hegemonia e revolução passiva na análise do *Risorgimento*?

O principal critério metodológico que guia a análise gramsciana baseia-se no pressuposto de que a supremacia de um grupo social se manifesta em dois momentos: como “domínio” e como “direção intelectual e moral”. O grupo social é “dominante” em relação aos grupos que tende a eliminar politicamente e é “direção intelectual e moral” em relação aos grupos aliados. Um grupo social pode e deve ser dirigente mesmo antes da conquista do poder. É essa idéia que sustenta a análise de Gramsci do *Risorgimento*.

## 2 A NOÇÃO DA HEGEMONIA

A noção de hegemonia permite entender a relação entre infraestrutura-estrutura e sociedade civil. De acordo com Portelli (1999) trata-se da contribuição mais importante ao marxismo contemporâneo, sobretudo se se leva em conta que na tradição marxista o papel da “direção cultural” era marginalizada em comparação com a relevância dada aos determinantes econômicos. Daí a importância que Gramsci concede à análise dos partidos políticos. Como se verá, é a partir da dinâmica hegemonia-dominação que Gramsci constrói sua análise.

A hegemonia, num primeiro momento, é considerada por Gramsci como a construção da direção política do proletariado sobre as classes aliadas. Porém, quando advém a ditadura do proletariado a classe dirigente torna-se também dominante sobre toda a sociedade e, em consequência, hegemônica. A construção da nova sociedade implica a ampliação da direção cultural do proletariado em detrimento de seu poder de coerção. Esse processo supõe a reabsorção do estado por parte da sociedade civil e portanto o desaparecimento das classes sociais. Pode-se afirmar que essa idéia de Gramsci é semelhante à concepção de Lênin sobre a ditadura do proletariado, esboçada em *Estado e Revolução*. Segundo Lênin, o Estado proletário seria uma ditadura para a classe burguesa (minoritária) e uma democracia para os trabalhadores, ou seja, as classes sociais e frações de classe exploradas pelo sistema capitalista. Nessa “democracia proletária” o proletariado como classe “mais avançada” seria dirigente ou “hegemônica”, segundo as palavras de Gramsci. Apesar dessa idéia estar presente no pensamento de Lênin e de Marx, Gramsci a desenvolve e consegue, ao enfatizar o político sobre o econômico, imprimir uma contribuição própria.

É importante deixar claro que a análise conjuntural de Gramsci baseia-se na concepção marxista da história. Disse Gramsci (1980:45) “... nenhuma sociedade assume encargos para cuja solução ainda não existam as condições necessárias e suficientes, ou pelo menos não estejam em vias de aparecer e se desenvolver (...) nenhuma sociedade

se dissolve e pode ser substituída antes de desenvolver e completar todas as formas de vida implícitas nas suas relações”. Essa idéia de Gramsci está baseada na concepção dialética materialista de Marx, segundo a qual a um determinado nível de desenvolvimento das forças produtivas correspondem determinadas relações sociais. Quando as relações se tornam um obstáculo às forças produtivas, tem-se a época da revolução social.

Na análise conjuntural proposta por Gramsci devem-se diferenciar os movimentos orgânicos dos elementos acidentais e imediatos. Segundo Gramsci, nas análises histórico-políticas freqüentemente se incorre no erro de confundir o que é ocasional com o que é orgânico. Algumas vezes, se apresentam como causas dos fenômenos elementos imediatos quando, na realidade, exercem sua ação mediatamente, ou se afirma que as causas imediatas são as únicas eficientes. Em decorrência, acontece o “economismo” e o “ideologismo”. Esta distinção entre o orgânico e o conjuntural é um princípio metodológico que deve aplicar-se nas análises conjunturais ou de “correlação de forças”. Um erro nesta distinção provoca graves conseqüências políticas. Muitas vezes esses erros acontecem quando se substitui a análise objetiva pelo desejo político e ingênuo. Nesses casos – disse Gramsci (1980:47) – “... o demagogo é vítima de sua própria demagogia”.

Para a análise da correlação de forças deve se considerar a existência de determinadas condições objetivas (que podem ser mediadas com instrumentos das ciências exatas) que existem independentemente da vontade dos homens. A partir da base material configuram-se os grupos sociais que desempenham uma determinada função de acordo com o lugar que ocupam na produção. Com essa concepção do “funcionamento” da sociedade, Gramsci está localizado no “campo marxista” e não fora dele, como alguns autores têm tentado argumentar. Na verdade Gramsci se “distancia” do marxismo só na medida em que consegue trazer novos conceitos (hegemonia, revolução passiva) para analisar a sociedade civil. “No oriente, o Estado era tudo, a sociedade civil era primordial e gelatinosa; no Ocidente, havia entre o Estado e a sociedade civil uma justa relação e em qualquer abalo do Estado imediatamente descobria-se uma poderosa estrutura da sociedade civil. O Estado era apenas uma trincheira avançada, por trás da qual se situava uma robusta cadeia de fortalezas e casamatas” (Gramsci, 1980:95).

Para Gramsci, as condições objetivas são o ponto de partida para a transformação, ou seja, sem as condições necessárias não pode acontecer a revolução. A viabilidade da revolução está determinada pelas condições materiais. Porém, as condições objetivas são insuficientes. Uma análise da correlação de forças deve levar em conta também as condições subjetivas. Gramsci diversifica e enriquece o conceito marxista de “consciência de classe”. Ele refere-se ao grau de “homogeneidade”, de autoconsciência”, que compreende três níveis: primeiro, o “econômico-corporativo” onde existe uma certa solidariedade entre indivíduos que desempenham o mesmo tipo de atividade, ou seja, há uma solidariedade do grupo profissional mas ainda não há uma solidariedade de grupo social que se restringe apenas ao campo dos interesses econômicos. Neste nível aparece



a questão do Estado, mas como uma luta pela participação na legislação e na administração do poder público; no terceiro nível, se adquire consciência de que a luta pelos interesses corporativos é insuficiente e portanto deve-se buscar a aliança com outros grupos subordinados. Esse momento marca a passagem da luta na esfera das estruturas para as superestruturas mais complexas. É a etapa em que as ideologias se tornam “partido” e se inicia uma luta entre elas até que uma delas (ou uma combinação delas) se torna dominante, determinando o caráter econômico, moral e intelectual da sociedade. Dessa forma, segundo Gramsci (1989:50), a luta entre os grupos sociais passa do plano corporativo a um plano universal,

... criando, assim, a hegemonia de um grupo social fundamental sobre uma série de grupos subordinado. O Estado é concebido como um organismo próprio de um grupo, destinado a criar as condições favoráveis à expansão máxima desse grupo. Mas este desenvolvimento e esta expansão são concebidos e apresentados como a força motriz de uma expansão universal, de um desenvolvimento de todas as energias “nacionais”. O grupo dominante coordena-se concretamente com os interesses gerais dos grupos subordinados, e a vida estatal é concebida como uma contínua formação e superação de equilíbrios instáveis (no âmbito da lei) entre os interesses do grupo fundamental e os interesses dos grupos subordinados.

Essa argumentação parece amenizar a concepção marxista de lutas de classes. Gramsci não vê essas contradições como irreconciliáveis e antagônicas, mas como um processo de equilíbrio, desequilíbrio e novo equilíbrio. Essa concepção gramsciana é uma adaptação às condições específicas da sociedade ocidental com uma sociedade civil mais desenvolvida.

A análise da correlação de forças também deve considerar as relações internacionais. Das relações que se estabelecem entre um Estado-nação e outros, emergem novas combinações históricas e novas definições das forças políticas locais, a partir da influência da ideologia dominante de um país desenvolvido. Gramsci concorda que entender a influência das relações internacionais numa nação complica-se devido às particularidades das diferentes unidades territoriais internas de cada país. Por exemplo, Vandéia representava as forças reacionárias internacionais e Lion, na Revolução Francesa, expressava um conjunto específico de relações.

Por último, deve ser considerada a correlação das forças militares, decisivas em determinados momentos. Para Gramsci o desenvolvimento histórico está determinado pela relação ou pelo movimento entre as condições objetivas e as forças militares com a mediação das forças políticas. Para a análise da correlação das forças militares devem-se distinguir dois aspectos: o técnico-militar e o político-militar. Por exemplo, quando um

Estado exerce qualquer opressão militar sobre outro, que busca alcançar sua independência estatal, essa relação não é meramente militar, mas político-militar. Em conseqüência, a independência não será resultado apenas do confronto militar, mas de uma combinação das forças militares e político-militares.

### 3 A REVOLUÇÃO PASSIVA

Outra contribuição importante de Gramsci é o conceito de revolução passiva. Esse conceito gramsciano está baseado em dois princípios básicos da ciência política: a) nenhuma formação social desaparece enquanto as forças produtivas possam desenvolver no contexto de determinadas relações sociais; b) a sociedade não pode avançar além do que as condições materiais permitem. “Pode-se aplicar o conceito de revolução passiva (documentando-se no Risorgimento italiano) como o critério interpretativo das modificações moleculares que, na realidade, modificam progressivamente a composição precedente das forças e, portanto, transforma-se em matriz de novas modificações” (Gramsci 1989:77). A passagem de elementos do Partido da Ação para o cavourismo a partir de 1848, modificou a composição das forças dos moderados, eliminando o neoguelfismo e empobrecendo o movimento mazziniano. Esse processo também explica as oscilações de Garibaldi. Essa passagem para o cavourismo é a origem do que Gramsci chamou de “transformismo”. O transformismo é um fluxo ideológico que possibilita a passagem de membros de um partido a outro. Gramsci denomina transformismo aos processos de acordos e trocas de concessões realizados entre os partidos de esquerda e de direita. Nesse contexto, os deputados passavam de um partido para outro e ao fazê-lo mudavam de posições políticas. Gramsci distingue dois períodos do transformismo: de 1860 a 1890 aconteceu o transformismo “molecular”. Isto significa o seguinte: personalidades políticas da oposição democrática se incorporam de forma individual na “classe política” conservadora e moderada que rejeitava qualquer intervenção das massas populares e era oposta a qualquer iniciativa que substituísse a denominação pela hegemonia; no segundo período (a partir de 1900) são grupos de membros da oposição democrática que passam para o campo moderado. Ainda Gramsci observa a existência de uma etapa intermediária (1890-1900) em que um grupo de intelectuais passa para os partidos de esquerda.

Para Gramsci a história italiana (desde 1815) mostra que um pequeno grupo dirigente conseguiu atrair de forma metódica o pessoal político produto dos movimentos subversivos. O Partido de Ação sempre sofreu influência dos moderadores porque carecia de uma base social. Em conseqüência, mesmo antes da tomada do poder, os moderados já controlavam a oposição (Portelli, 1990). É precisamente esse o sentido do conceito de revolução passiva. A burguesia italiana, à diferença da burguesia francesa,



rejeitou qualquer tipo de apoio às massas populares contra aristocracia. Ao contrário, decidiu fazer concessões à velha classe aristocrática.

Através do conceito de revolução passiva Gramsci tenta apreender a forma em que os sujeitos sociais dominantes exercem e reproduzem sua dominação. O conceito de revolução passiva é central na análise gramsciana sobre o Risorgimento, para entender a resolução da problemática italiana e as condições particulares em que se deu o desenvolvimento capitalista. O principal objetivo da análise gramsciana é entender o sentido da ação dos dois partidos políticos envolvidos no processo de unificação italiana: os moderadores e o Partido da Ação. “O resultado da revolução passiva é seu caráter inacabado: não transforma integralmente as estruturas do passado e não instaura um Estado renovado que incorporaria amplas camadas sociais à cidadania” (Secco, 1996:85).

Por outro lado, o projeto político dos moderadores liderados por Cavour tinha como objetivo a instalação de um governo parlamentar, a reorganização do exército, a abolição dos privilégios eclesiásticos e a prática de uma política econômica que possibilitasse o desenvolvimento capitalista. Ou seja, os moderados pretendiam ampliar o espaço político e econômicos da modernização capitalista, para dessa forma garantir a posição privilegiada das regiões mais desenvolvidas do norte (Braga, 1996).

Gramsci questiona-se por que não houve na Itália um processo semelhante ao da Revolução Francesa para a resolução dos problemas do desenvolvimento capitalista, assim como da constituição do Estado nacional. Conclui que foi por causa da franqueza da burguesia italiana e ao pânico que sentia diante dos acontecimentos na França. O Risorgimento sintetiza o longo processo de construção do capitalismo italiano. Para a construção vitoriosa do capitalismo era necessária a derrota das massas proletárias e camponesas.

#### 4 O RISORGIMENTO

*Il Risorgimento* constitui um conjunto de ensaios escritos por Gramsci no cárcere entre 1929 e 1935 e, como os outros escritos contidos nos seus Cadernos do Cárcere, tem um caráter fragmentário. A temática desses ensaios compreendem aspectos fundamentais da história da Itália moderna.

Gramsci, nesta obra, pretendeu construir uma visão marxista da história italiana que fosse a base para a formulação de uma linha política e para a prática do novo partido da classe operária. *Il Risorgimento* contém uma nova interpretação da questão meridional como um problema central da história contemporânea da Itália; nele Gramsci realiza uma análise crítica da obra da burguesia italiana desde o *Risorgimento* até o pós-guerra. Esta reflexão histórica representa a ligação entre as atividades teóricas e práticas desenvolvidas por Gramsci até 1926, como dirigente do movimento operário e como fundador do

Partido Comunista.

Para Gramsci as diversas interpretações sobre o *Risorgimento* têm um caráter nitidamente ideológico e são influenciadas pela polêmica política, refletindo portanto as contradições das distintas correntes políticas: a moderada e monárquica e a democrática republicana. Como a primeira corrente era dominante nos anos de 1859-1860, predominou a imagem de um processo resultante da vontade divina, através de um movimento composto de elementos contrastantes e opostos (o Estado unitário e a monarquia Savoiana), mas que se apresentavam como uma solução inevitável.

De acordo com Gramsci, *Risorgimento* é a revolução burguesa italiana caracterizada como um processo que busca a unificação da Itália dispersa e fragmentada do século XIX, processo que chega a seu fim (atingindo seus objetivos) em 1861 com a instalação do reino dos Saboya. Esse processo é caracterizado como liberal-burguês e dirigido contra a dominação austríaca, francesa e do Vaticano.

Cavour, Mazzini e Garibaldi são as personagens mais representativas desse processo. Cavour é da ala da direita-liberal, monarquista e líder do Partido Moderado. Os outros dois dirigem o Partido da Ação e representam a esquerda no espectro *risorgimentista*.

No *Risorgimento*, Gramsci reconstrói a história dos partidos tendo como referência a revolução burguesa italiana. Para Gramsci a história de um partido é a história de um determinado grupo social, e suas relações com outros grupos sociais. Reconstruir a história de um partido significa escrever a história geral de um país, desde um ponto de vista monográfico.

Nesta obra Gramsci compara a atuação dos partidos no *Risorgimento* e o comportamento dos jacobinos na Revolução Francesa. Na França os jacobinos obrigaram a burguesia a ir mais longe do que teria ido de forma espontânea. Na Itália o Partido da Ação foi incapaz de tornar-se dirigente. Os jacobinos combateram sem descanso os defensores do Antigo Regime e constituíram um bloco histórico integrando as forças nacionais e principalmente os camponeses, através de uma reforma agrária que, com a criação de um mercado interno, possibilitava o desenvolvimento do capitalismo. Na Itália, da mesma forma que na Alemanha, a burguesia deixou intacto o latifúndio e se aliou com a velha classe latifundiária. Além disso, mesmo os elementos mais avançados da burguesia como Garibaldi e Mazzini eram a favor da repressão de qualquer tipo de movimento de ocupação de terra. Segundo Gramsci, o Partido de Ação teria que conquistar o apoio dos camponeses para constituir-se em força hegemônica. Se isto tivesse acontecido – afirma Gramsci – a história da Itália e da Europa seria outra. Nesse caso, o bloco *risorgimentista* estaria dirigido por uma força nacional-liberal apoiada nos camponeses pobres e não pelos latifundiários e burgueses que influenciavam Cavour.

Gramsci critica uma determinada concepção da história em que os eventos são simplesmente descritos sem nenhum nexos histórico. Critica Omodeo que na sua obra *L'età del Risorgimento* tenta mostrar que o *Risorgimento* é um fato essencialmente



italiano e que portanto suas origens devem buscar-se na Itália.

O período das monarquias iluministas não é um fato próprio da Itália, antes é o resultado mais importante da época mercantilista, como a primeira etapa da moderna civilização nacional. Na Itália a ausência de fortes interesses constituídos em torno de um sistema mercantilista-estatal, facilitou a unificação italiana. “Existe por tanto una edad del *Risorgimento* en la história acontecida en la península italiana, pero no existe como tal en la história de Europa. En esta corresponde hablar de edad de la Revolución Francesa y del liberalismo.” (Gramsci, 1974: 65)

Omodeo não mostra que o nexó histórico europeu é, ao mesmo tempo, o nexó histórico italiano. A nação expressa uma “distinção” dentro do complexo internacional e portanto está ligada às relações internacionais.

Gramsci refere-se ao domínio estrangeiro na Itália. Num primeiro momento esse domínio é direto para depois tornar-se hegemônico ou misto (hegemônico direto). Ao domínio direto no século XVI Maquiavel opunha a direção nacional-democrática expressando a perda da independência e o desejo de reconquistá-la numa forma superior como a dos absolutistas da Espanha e da França. No século XVIII o surgimento da Prússia como grande potência modifica o equilíbrio Europeu, (Áustria-França); e portanto se inicia uma nova fase da história italiana. Em consequência a origem do *Risorgimento*, ou seja, o processo da formação das condições que possibilitaram a unificação da Itália, não se deve buscar neste ou naquele fato, mas no processo decisório que transformou o sistema europeu.

Contudo, chamar a atenção sobre a necessidade de considerar o processo europeu na análise nacional, não significa deixar de lado elementos internos. Um desses elementos foi a perda de poder da Igreja como potência na Europa e na Itália. Apesar disso, Gramsci qualifica esses elementos internos, como condicionamentos e afirma que ainda não existiam, na Itália do século XVIII, forças que tendessem à unificação italiana.

Gramsci identifica dois tipos de respostas: a) as que consideram o *Risorgimento* como um fenômeno especificamente italiano ao mesmo tempo que afirmam que a Revolução Francesa tem deturpado a tradição italiana; e b) as que argumentam que o movimento nacional italiano depende intimamente da Revolução Francesa e de suas guerras.

Para Gramsci é necessário analisar todo o movimento histórico desde diversos pontos de vista, até o momento em que os elementos essenciais da unidade nacional se tornam uma força suficiente para atingir o objetivo; isto acontece após 1848. Os elementos que Gramsci observa são os seguintes: a consciência da unidade cultural que existia entre os intelectuais desde 1200, ou seja, desde que se desenvolveu uma língua unificada e a consciência da necessidade de independência da influência estrangeira. Esses dois elementos ficaram reduzidos a pequenos grupos de intelectuais e nunca foi expressão

de uma consciência nacional unitária.

As condições da unidade referem-se a um certo equilíbrio das forças internacionais: queda da hegemonia francesa, espanhola e austríaca. Outro elemento importante é a posição do papado, cuja força estava ligada às forças internacionais: o regalismo e o josesismo, ou seja, a primeira afirmação liberal e laica do Estado.

## 5 O PROBLEMA DA DIREÇÃO POLÍTICA

A análise de Gramsci concentra-se no problema da direção política e especificamente na luta entre moderadores e democráticos. Gramsci define como critério metodológico para a análise da direção política o seguinte: a supremacia de um grupo social se manifesta de duas formas, como “domínio” e como “direção moral e intelectual”. “Un grupo social es dominante sobre los grupos adversarios a los que tiende a “liquidar” o a someter también com la fuerza armada, y es dirigente com los grupos afines y aliados” (Gramsci, 1974:96). Para Gramsci um grupo deve ser dirigente antes da conquista do poder e esta é uma das condições para a tomada do poder; depois, quando controla o poder se torna dominante, mas deve continuar sendo “dirigente”.

Na análise da situação italiana Gramsci afirma que os moderadores continuaram a dirigir o Partido de Ação, mesmo depois de terem cedido o poder, em 1876, à esquerda constituída por liberais pequenos burgueses. “En la política de los moderados aparece claro que se puede y se debe realizar una actividad hegemónica, incluso antes de la toma del poder y que no solo es necesario contar com la fuerza material que da el poder para ejercer una dirección eficaz. Justamente la brillante solución de estos problemas há tornado posible el *Risorgimento* en las formas y los límites en que realmente se realizó, sin “terror”, como “revolución sin revolución”, o sea como “revolución pasiva”, para emplear una expresión de Cuoco” (Gramsci, 1974:97).

De acordo com Gramsci, os moderados conseguiram a hegemonia através da iniciativa individual e não por programa elaborado ou um plano de ação prática e de organização. Os moderados eram intelectuais “condensados” nas suas relações orgânicas com os grupos dos quais eram expressão “...los moderados eran una vanguardia real orgánica, de la clase alta, porque ellos mismos pertenecian economicamente a la clase alta; eran intelectuais y organizadores políticos, y paralelamente jefes de hacienda, grandes agricultores o administradores de propiedades, emprendedores comerciantes e industriales, etc.” (Gramsci, 1974:98)

Segundo Gramsci, precisamente por esta relação orgânica, os moderados exerciam uma forte atração, de modo ‘espontâneo’, sobre todos os intelectuais existentes na Itália, de forma ‘difusa’ e ‘molecular’. A partir dessa observação, Gramsci define o seguinte critério metodológico da investigação histórico-política: não existe uma classe independente



de intelectuais, mas todo grupo social tem seu próprio grupo intelectual. Porém, os intelectuais da classe social progressista tendem a subordinar os intelectuais dos outros grupos sociais e a constituir um vínculo de solidariedade entre eles, baseado em elementos de ordem psicológica ( vaidade) ou de casta (interesses corporativos). O que convém ressaltar aqui é que em determinados períodos históricos, os intelectuais vinculados aos grupos sociais progressistas fazem avançar toda a sociedade, satisfazendo não somente seus reduzidos interesses psicológicos ou de casta, mas ampliando seus quadros em todos os níveis e principalmente na atividade econômica e produtiva. Quando o grupo dominante entra em crise, esgotando sua função, esse processo de construção de hegemonia deixa de ser espontâneo e passa a utilizar medidas de polícia e golpes de Estado.

#### O Partido da Ação

O Partido da Ação, dada sua natureza, não podia exercer um poder de atração. Pelo contrário, era atraído e influenciado tanto pelo terror de 1793 como pelos acontecimentos de 1848-1849. Portanto, tornava-se perigoso levantar determinadas reivindicações populares (reforma agrária), pela situação de subordinação em que se encontravam alguns de seus representantes em relação aos moderados. Gramsci refere-se à subordinação de Garibaldi a Cavour. Para que o Partido de Ação pudesse imprimir ao movimento do *Risorgimento* um caráter mais amplo e democrático, teria que levantar um “programa orgânico de governo” que expressasse as reivindicações das massas populares, principalmente dos camponeses. Dessa forma, segundo Gramsci, o Partido de Ação contraporía uma contra-ofensiva organizada à atividade espontânea dos moderados. Porém, foi precisamente o que faltou: um programa concreto de governo.

O Partido de Ação, além de padecer da falta de uma direção política firme, confundia a unidade cultural existente na península, com a unidade das massas populares, as quais eram alheias àquela.

Os jacobinos foram vitoriosos na sua luta pela ligação do campo com a cidade. Da mesma forma, sua derrota posterior se explica porque em determinado momento os jacobinos chocaram-se contra as exigências dos operários parisienses. O Partido da Ação deveria ter se ligado às massas rurais, dessa forma poderia ter sido dissolvida a aliança das classes rurais sob a hegemonia dos setores legitimistas-clericais, atuando em duas direções: buscando o apoio dos camponeses de base, aceitando suas reivindicações, e dos intelectuais dos estratos médios e inferiores.

Segundo Gramsci, a experiência na França no período da Revolução mostrou que quando os camponeses se mobilizam de forma “espontânea”; da mesma forma, quando um grupo de intelectuais decide apoiar as reivindicações camponesas, consegue mobilizar massas importantes dos camponeses. Porém, dada a dispersão dos camponeses, é conveniente iniciar o movimento nos grupos intelectuais. Mas Gramsci chega à conclusão

de que “...es la relación dialectica entre las dos acciones la que es necesario tener presente. Se puede decir incluso que, en el sentido estricto del término, resulta casi imposible crear partidos campesinos. El partido campesino se concreta en general solo como una fuerte corriente de opinión, no ya en la forma esquemática del enquadramiento burocrático” (Gramsci, 1974: 109-110).

Os jacobinos conquistaram sua função de partido dirigente, conseguiram se impor à burguesia francesa levando-a a uma posição mais avançada daquela a que teria chegado espontaneamente e com certeza, daquela que permitiam as condições históricas; isso explica os golpes de retrocesso e a função de Napoleão I. “Este rasgo característico del jacobinismo (...) y por consiguiente de toda la Gran Revolución, de forzar la situación (aparentemente), y de crear hechos consumados irreparables, impulsando hacia adelante a los burgueses con puntapiés en el traero, por partes de un grupo de hombres extremadamente enérgicos e decididos, puede ser esquematizado así: el tercer estado era el menos homogéneo de los estados; tenía una élite intelectual muy notable y un grupo económicamente muy avanzado pero políticamente moderado. El desarrollo de los sucesos siguió un proceso muy interesante. Los representantes del tercer estado plantean inicialmente sólo cuestiones que interesan a los componentes físicos actuales del grupo social, sus intereses “corporativos” inmediatos (...) (Gramsci, 1974: 111-112). Paralelamente emerge uma nova elite que se interessa não só pelos interesses corporativos mas que busca a constituição da burguesia como grupo hegemônico das forças populares. A burguesia (o Terceiro Estado) tende a vacilar diante a ameaça internacional e a contra-ofensiva das antigas forças sociais. A função dos jacobinos foi se opor a qualquer tipo de vacilação da burguesia, enviando para a guilhotina não só os representantes da antiga sociedade, mas os revolucionários de ontem que se tornaram reacionários.

Para Gramsci os jacobinos foram o único partido revolucionário que representava não só as aspirações imediatas da burguesia francesa, mas representava o movimento revolucionário em seu conjunto como expressão do processo histórico integral; porque representava as necessidades imediatas e futuras de todos aqueles grupos que viriam a formar parte depois da futura burguesia.

#### A questão agrária e o papel dos jacobinos

A questão agrária representou a prioridade do movimento revolucionário. As massas rurais francesas compreenderam que para destruir o antigo regime deveriam estabelecer uma aliança com os elementos mais progressivos do Terceiro Estado. Os jacobinos não só organizaram o governo burguês, mas fizeram da burguesia uma classe nacional dirigente, hegemônica e criaram a nação francesa.

Porém os jacobinos permaneceram no terreno da burguesia e não reconheceram o direito dos trabalhadores de se organizarem. “Destrozaran así el bloque urbano



parisiense; sus fuerzas de asalto, que se reagrupaban en la Comuna, se dispersaron desilusionadas y el Termidor tuvo su auge. La Revolución permanente terminó por imponer nuevas cuestiones que, por entonces, no podían ser resueltas: había desencadenado fuerzas elementales que solo una dictadura militar hubiera podido contener” (Gramsci, 1974: 115-116).

Gramsci lamenta que esta disposição jacobina de se transformar em partido dirigente, está ausente no Partido de Ação. Entretanto, está ciente das diferenças entre a Itália e a França: na Itália existiu uma luta contra uma potência estrangeira (Áustria) que ocupava uma parte do território. Na França os jacobinos souberam aproveitar a ameaça externa para avançar na luta interna. “Comprendieron bien que para vencer al enemigo externo debían aplastar al interno y sus aliados y no vacilaron en realizar las masacres de septiembre” (Gramsci, 1974: 116). Na Itália, o Partido da Ação não lutou contra os aliados internos da Áustria: uma parte dos intelectuais, os nobres e os latifundiários.

A inexistência de um partido jacobino se explica pela relativa debilidade da burguesia italiana e pelo ambiente histórico após 1815: “la burguesia no podía (tal vez) extender más su hegemonía sobre vastos sectores populares, como pudo hacer en Francia (...). pero la acción sobre los campesinos era por cierto posible.” (Gramsci, 1974:117)

Também existem diferenças quanto à tomada do poder por parte da burguesia na França, Alemanha, Itália e Inglaterra. Na Alemanha, a burguesia obtém o controle da economia enquanto as antigas classes feudais continuaram a controlar o poder político e se tornaram os “intelectuais” da burguesia. Na Inglaterra, o antigo se mesclou com o moderno da mesma forma que na Alemanha. A aristocracia controlava o governo e também se tornaram os intelectuais da burguesia. “...las relaciones de clase creadas por el desarrollo industrial, con la consecución del límite de la hegemonia burguesa y del trastuque de las posiciones de las clases progresivas, indujeron a la burguesia a no lucrar a fondo contra el antiguo régimen, sino a permitir la subsistencia de una parte de la fachada detrás de la cual se disimulada el verdadero dominio (Gramsci, 1974, p. 118).

A análise do desenvolvimento histórico dos diversos países deve-se vincular à análise das diferentes relações internacionais, que frequentemente são deixadas de lado neste tipo de investigação.

Para Gramsci o espírito jacobino explica-se pela hegemonia da França na Europa, além da existência de um centro urbano como Paris, porém as guerras napoleônicas, com a destruição dos homens mais audazes e empreendedores, enfraqueceram a energia militante francesa e das outras nações.

As relações internacionais foram importantes no desenvolvimento do *Risorgimento* italiano, mas foram exageradas pelo partido moderado para seus objetivos partidários.

A direção militar deve ser entendida não apenas a direção militar no sentido técnico, mas a direção política. Do ponto de vista militar o objetivo principal era expulsar a potência estrangeira (Áustria) que tinha o exército mais poderoso da Europa. O

problema militar que deveria ser resolvido era o seguinte: como mobilizar uma força que permitisse ao mesmo tempo expulsar os invasores austríacos e impedir qualquer tipo de contra-ofensiva.

A solução ao problema militar foi um desastre. A direita piemontesa, ao manifestar seu desejo de expansão e não mostrar seu interesse de lutar pela criação de uma federação, provocou a retirada dos exércitos napolitanos e romanos. Com essa política impediu a mobilização ampla, ou seja, a direita piemontesa queria que os únicos vitoriosos fossem os generais piemonteses. Segundo Gramsci, a ausência de uma política popular foi um desastre. “Los campesinos lombardos y vénetos reclutados por Áustria fueron los más eficaces instrumentos para sofocar la insurrección vienesa y, por la tanto, también la italiana.” (Gramsci, 1974: 120 – 121)

Os partidos nacionais deveriam ter contribuído à dissolução do império austríaco; pelo contrário, sua inércia tornou os regimes italianos os principais pontos de apoio da reação. O objetivo da guerra não podia ser a destruição do exército austríaco, mas ajudar os liberais a se estabilizarem no poder e transformar a política do império em federalista ou ao menos provocar uma situação de lutas internas, que possibilitasse a organização das forças internas.

Por outro lado, buscou-se a ajuda francesa precisamente quando estava acontecendo a ascensão dos reacionários ao governo francês, inimigos da unificação italiana e da expansão piemontesa.

A direção militar implicava mobilizar as forças populares localizadas na retaguarda inimiga, obstaculizar os serviços logísticos e criar massas de reserva para a formação de novos destacamentos. “La política de la derecha en 1848 retardó la unificación de la península en algunos decenios” (Gramsci, 1974:122). Na guerra de posições só uma hábil direção política pode evitar o desgaste e o extermínio das massas populares mobilizadas. É por isso que Gramsci insiste em que a direção militar deve estar subordinada à direção política, ou seja que “...el plan estratégico debe ser la expresión de una determinada política general” (Gramsci, 1974:123) Em outras palavras, o aspecto político deveria prevalecer sobre o militar.

Para finalizar, é necessário salientar que a direita piemontesa não queria ter como aliadas as massas populares dos outros estados italianos, porque pensava que venceriam aos austríacos com suas próprias forças regulares. “La responsabilidad del desastre es atribuible sea a los moderados, sea al Partido de la Acción; esto es a la inmadurez y a la escasísima eficiencia de las clases dirigentes.” (Gramsci, 1974, p. 124)



## CONCLUSÕES

A análise de II Resurgimento refere-se ao processo de formação do Estado nacional, principalmente a partir do confronto de dois partidos políticos, os moderados, que representavam a classe que controlava o poder, e o Partido da Ação, que era oposição, mas que também expressava os interesses da burguesia.

A burguesia italiana foi incapaz de se tornar dirigente e se recusou a buscar o apoio das classes populares. A burguesia italiana delegou a função de dirigente ao Estado piemontês, ao mesmo tempo que decapitou as classes de seus dirigentes. O Estado piemontês atraiu os intelectuais e a burguesia, possibilitando a unificação da Itália e da burguesia. O transformismo permitiu a passagem dos intelectuais das classes subalternas para a classe política dominante, enfraquecendo dessa forma as massas populares. O transformismo é uma política da classe dominante que se recusa a estabelecer qualquer compromisso com as classes subalternas e, ao mesmo tempo, atrai seus dirigentes para enfraquecê-las. Na sua análise do *Risorgimento*, Gramsci mostra que o transformismo exprime a complexidade das relações entre hegemonia e dominação, ou entre democracia e ditadura.

Quando a burguesia italiana conseguiu atrair os intelectuais dos outros grupos sociais, não tinha a intenção de ampliar sua base social, mas perpetuar sua dominação, impedindo a formação dos dirigentes das classes subalternas. Utilizando os métodos da hegemonia, a burguesia italiana conseguiu prolongar sua dominação. Dessa forma, a ditadura não é apenas a simples aplicação da coerção, mas destruição pacífica da elite intelectual das classes subalternas. Assim, a função de dirigente tornou-se um mecanismo da dominação da burguesia. Então podemos concluir que existem duas situações possíveis: na primeira, a sociedade civil tem primazia sobre a sociedade política; neste caso, a classe fundamental é mais dirigente que dominante. Assim, utiliza os intelectuais para controlar os grupos auxiliares, estando disposta a considerar as reivindicações desses grupos. Nessa primeira situação, podemos falar de hegemonia; na segunda situação, a sociedade política prevalece sobre a sociedade civil e a classe dominante utiliza o bloco ideológico para neutralizar as outras classes, eliminando a possibilidade de estabelecer quaisquer compromissos ou concessões. Nesta Segunda situação, podemos falar de dominação, ou seja, a ditadura surge quando a classe dominante perde o controle da sociedade civil.

Na análise gramsciana do *Risorgimento*, a função dirigente do Estado piemontês ocupa uma posição central. Enquanto a burguesia francesa utilizou as classes subalternas, a burguesia italiana utilizou o Estado piemontês. Isto aconteceu porque no contexto italiano não existia nenhum grupo burguês disposto a se constituir como força hegemônica, capaz de unificar todas as classes e o Estado Italiano, ou seja, a burguesia se unifica como classe e a Itália como nação a partir da função política do Estado do Piemonte. Dessa forma,



o Estado piemontês atuou como um partido político.

As noções de hegemonia, revolução passiva e de transformismo permitem dimensionar a contribuição de Gramsci ao marxismo. A partir da noção de hegemonia, Gramsci aprofunda o estudo sobre a sociedade civil e relação entre estrutura e superestrutura, completando dessa forma as elaborações teóricas de Marx e de Lênin. O conceito leninista de direção política, torna-se em Gramsci direção cultural. Para Gramsci os intelectuais representam o vínculo orgânico concreto que liga estrutura e superestrutura. Dessa forma dá um novo conteúdo à visão marxista abstrata. De acordo com Portelli (1990) a relação estrutura-superestrutura seria o ponto fraco do marxismo.

O papel orgânico dos intelectuais no seio do bloco histórico, suas origens, evolução e desagregação é o fio condutor da análise gramsciana. A estratégia das classes subalternas consiste em atrair para seu seio outros grupos sociais, estabelecendo uma luta ideológica contra os intelectuais da classe dominante. Segundo Gramsci, esses grupos sociais devem ser atraídos com suas peculiaridades, daí a importância que concede, na sua análise sobre o *Risorgimento*, à função educativa do Estado piemontês.

Concordamos com Portelli (1990) quando afirma que os conceitos de Gramsci, e sua metodologia de investigação são ainda utilizáveis; nos seus Cadernos podemos encontrar numerosos e variados temas de pesquisas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAGA, Ruy. *Risorgimento, facismo e americanismo: a dialética da passivização*. In: DIAS, Edmundo Fernandes et al. *O outro Gramsci*. São Paulo: Xamã, 1996.
- GRAMSCI, Antônio. *El "Risorgimento"*. Argentina: Granica editor, 1974
- GRAMSCI, Antônio. *Maquiavel, a política e o estado moderno*. Rio de Janeiro: Covilização Brasileira, 1989.
- PISSORNO, Alessandro et al. *Gramsci e y las ciencias sociales*. México: Cuadernos de Pasado y Presente, 1974.
- PORTELLI, Hugues. *Gramsci e o bloco histórico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- SECCO, Lincoln. *Crise e estratégia em Gramsci*. In: DIAS, Edmundo Fernandes et al. *O outro Gramsci*. São Paulo: Xamã, 1996.